BJGH Brazilian Journal of Global Health
Revista Brasileira de Saúde Global

Abuso sexual infantil: uma perspectiva psicanalítica sobre o trauma na vida adulta

Paloma de Sena Silva[1], Ramona Silva Rosa[1], Roseli Aparecida Monaco[2]

[1]Graduanda em Psicologia Universidade Santo Amaro (UNISA), São Paulo-SP, Brasil.
[2]Professora orientadora da Universidade Santo Amaro (UNISA), São Paulo-SP, Brasil.

RESUMO

OBJETIVO

Discutir as manifestações e consequências do trauma em adultos que sofreram abuso sexual na infância.

MÉTODOS

Perspectiva psicanalítica de Freud (1920/1996) e Ferenczi (1992). Para isso, foi realizada uma pesquisa documental qualitativa do filme *Inocência Roubada* (2018), adaptação do espetáculo *Les Chatouilles*, produção francesa dos diretores Andréa Bescond e Éric Métayer.

RESULTADOS

O abuso sexual infantil é uma violência que afeta crianças de diversas partes do mundo e representa um fator de risco para o desenvolvimento humano, podendo deixar marcas permanentes na vida da vítima, produzindo uma devastação na estrutura psíquica e causando grandes danos para o indivíduo.

CONCLUSÕES

A psicoterapia desempenhou um papel importante no processo de ressignificação do trauma, uma vez que possibilitou ao indivíduo a ter uma percepção real do que foi vivenciado.

DESCRITORES

Abuso sexual infantil; Trauma; Consequências; Psicanálise.

Autor correspondente:
Paloma de Sena Silva.
Universidade Santo Amaro, UNISA, São Paulo/SP, Brasil.
Rua Isabel Schmidt, 349. Santo Amaro, São Paulo/SP, 04743-030.
E-mail: paloma.sena@icloud.com.
ORCID ID: https://orcid.org/0009-0002-6178-3689.

Copyright: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons.

Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.

DOI: https://doi.org/10.56242/globalhealth;2024;4;16;17-21

INTRODUÇÃO

O abuso sexual infantil representa uma grave forma de violência e violação dos direitos humanos[1], sendo considerado um problema de saúde pública mundial.[2]

No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)[3], criado em 13 de julho de 1990, pela Lei nº 8.069, com o propósito de assegurar a Constituição Federal de 1988 foi declarado que:

> É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (p.1).

Nesse cenário, a criança tornou-se um sujeito com direitos. No entanto, todas as formas de violência sexual infantil, como o abuso sexual, o estupro, o assédio sexual, a pornografia infantil, a exploração sexual, a pedofilia, entre outras, infringem o que está disposto no ECA. No canal Disque 100, criado para denunciar qualquer violação dos direitos humanos, a violência sexual ocupou a quarta posição como a violação de direitos contra crianças e adolescentes mais denunciada do país.[4]

Em relação ao abuso sexual infantil propriamente dito, este pôde ser definido como um comportamento criminoso, como fazer carícias em partes íntimas, masturbação, assistir ou realizar atos sexuais na frente de crianças e adolescentes. Além disso, convidar menores de idade para situações que envolvam atividades sexuais, ao qual elas não conseguem compreender, consentir, com ou sem o uso de violência física também é considerado abuso sexual.[5]

Desse modo, o abuso sexual em crianças pode ocorrer em dois contextos, sendo caracterizados como intrafamiliar e extrafamiliar. No intrafamiliar, ocorre entre pessoas que moram na mesma residência ou possuem algum grau de parentesco, como pais, avós ou tios. Já no extrafamiliar, o abuso sexual envolve pessoas fora do círculo familiar, como vizinhos ou amigos próximos.[6]

Todavia, as consequências do abuso sexual infantil tornam-se prejudiciais e subjetivas para cada criança, dependendo de como o abuso foi vivenciado, em que idade aconteceu, a frequência da violência e como o trauma foi elaborado, podendo se manifestar em alguma psicopatologia grave ou tentativas de suicídio.[7]

Este estudo utilizou o filme *Inocência Roubada* (2018) para discussão e reflexão sobre o tema em questão. Neste enredo, pode-se observar que a personagem principal sofreu abuso sexual extrafamiliar de um amigo íntimo da família, que tinha acesso livre à residência. Assim, o objetivo do presente estudo foi de discutir as manifestações e consequências do trauma em adultos que sofreram abuso sexual na infância.

METODOLOGIA

Este artigo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa documental qualitativa do filme *Inocência Roubada* (2018). Segundo Henriques e Medeiros[8], essa metodologia se aproxima da revisão bibliográfica, mas difere por utilizar outros tipos de documentos primordiais, como arquivos públicos ou privados, relatórios, filmes etc.

Esta pesquisa se concentrou na compreensão aprofundada dos fenômenos humanos, buscando documentos que utilizaram métodos como entrevistas, grupos focais e análise de conteúdo. Tem como objetivo a busca por *insights* sobre a experiência subjetiva do sujeito e os significados atribuídos aos eventos.

O filme *Inocência Roubada* (2018) foi uma adaptação do espetáculo *Les Chatouilles*, produção francesa dos diretores Andréa Bescond e Éric Métayer, que retratou a história de uma vítima de abuso sexual na infância. A roteirista e diretora Andréa Bescond sofreu abuso e recorreu a este filme para explorar o assunto por meio da dramaturgia. O primeiro momento consistiu em entender o filme em sua totalidade e, em seguida, foram examinadas algumas cenas como categoria de análise, em particular o relato sobre o abuso e a vida adulta da vítima, que demonstraram o impacto do trauma e as possíveis consequências ao longo dos anos.

Em relação à elucidação do tema em questão, foi realizado um levantamento bibliográfico nas plataformas *Scielo, Lilacs, PubMed* e *EBSCOhost* por artigos científicos com denominações como “abuso sexual infantil”, “consequências do abuso sexual infantil na fase/vida adulta” e “trauma na psicanálise”, de 2014 a 2024.

Além disso, buscaram-se teses, monografias e livros em português e inglês, no período de 10 anos, também de 2014 a 2024. Outras fontes de dados também foram analisadas, como leis, boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde, decretos e normas que regulamentam a proteção da criança, além de materiais educativos, como cartilhas de prevenção do abuso sexual infantil, e sítios eletrônicos acerca do tema.

No critério de inclusão, observaram-se os documentos que estavam dentro do tema abordado, assim como o período e os objetivos definidos para analisar o conceito do abuso sexual infantil e as cenas do filme.

Contudo, foram utilizados autores da psicanálise que abordassem o tema, propondo uma análise interdisciplinar entre a teoria e a trama. Freud (1920-1996) e Ferenczi (1992), que em suas teorias discutiram sobre o assunto, tornaram-se autores indispensáveis para a elaboração deste artigo.

Por fim, foi realizado fichamento das leituras concluídas. Para Medeiros[9], “é a transcrição dos dados em fichas, para posterior consulta e referência. Anotam-se os elementos essenciais ao trabalho”.

Nesta pesquisa, enfrentaram-se desafios significativos na busca por informações relevantes sobre o tema, dentro do período estipulado e sobre a definição do abuso sexual infantil. Outro ponto foi a escassez de documentos com dados epidemiológicos recentes, o que evidenciou a necessidade de mais pesquisas sobre o assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abuso sexual infantil

A definição de abuso sexual infantil é complexa para diversos autores. Trata-se de um tipo de violência que atinge indivíduos com menos de 14 anos, sendo considerados vulneráveis devido ao seu estágio de desenvolvimento psíquico e à capacidade limitada de julgamento.[10]

De acordo com o sítio eletrônico *Childhood*[11], o abuso sexual infantil é uma maneira de adultos obterem satisfação por meio de crianças e adolescentes, com ou sem contato físico ou manipulação/sedução. Com contato físico, isso inclui toques nos órgãos genitais, tentativas de relações sexuais, masturbação, sexo oral ou penetração, além de forçar beijos e toques em outras partes do corpo. Sem contato físico, seria o assédio sexual, o abuso sexual verbal, o exibicionismo, voyeurismo e a exibição de material pornográfico.

Em relação aos abusadores, “Na maioria das vezes, o abusador possui algum vínculo com a vítima (pai, mãe, padrasto, vizinho, babá, tios, irmãos mais velhos, amigos da família, professores)” (p.4).[10]

Diante disso, no contexto intrafamiliar, encontrou-se o incesto que se referia a relações sexuais entre pessoas da mesma família, consanguíneas ou consideradas parte dela, como padrastos ou madrastas. Essa prática foi considerada transgressora tanto perante a lei quanto pela sociedade. O abuso sexual, seja incestuoso ou não, pôde causar grandes consequências no nível psíquico da criança.[6] Dessa forma, podiam surgir sentimentos de culpa, vergonha, baixa autoestima, angústia e medo. O trauma vivenciado na infância muitas vezes ressurgia na vida adulta, desencadeado por algum estímulo, como os *flashbacks* do abuso sexual. As cenas não ficavam armazenadas na memória com começo, meio e fim, as lembranças surgiam como fragmentos de sensações físicas, imagens isoladas e sons.[12]

No contexto da obra cinematográfica, em uma cena, a personagem principal, Odette, relatou à psicóloga suas recordações, como se estivesse revivendo os episódios de abuso sexual e estupro sofridos na infância. Ao acessar essas memórias com a ajuda da psicóloga, foi possível elaborar e compreender o trauma que havia enfrentado.

De acordo com o Art. 213 do Código Penal Brasileiro[13], o estupro é o ato de forçar alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter relações sexuais ou a praticar, ou permitir que com ele se pratique, outro ato libidinoso. Em outras palavras,

trata-se de penetração forçada sem o consentimento da outra parte.

Em relação às vítimas, é importante destacar que qualquer criança pode sofrer abuso sexual, independentemente de questões socioeconômicas, idade, sexo, religião ou raça. No entanto, a maioria dos casos notificados de violência sexual, incluindo todas as formas, são do sexo feminino, representando 76,8% dos casos.[14] De modo geral, incluindo os sexos masculino e feminino, crianças de 0 a 9 anos representaram 83,3% dos casos notificados, e o local mais comum para esses episódios foi a própria residência, representando 70,9% dos casos notificados.[14]

No Brasil, o dia 18 de maio foi considerado o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes, constituído pela Lei nº 9.970. A data foi criada em memória de Araceli Cabrera Sánchez Crespo, uma criança que foi sequestrada, sofreu diversas violências e foi assassinada. Essa data representa uma tentativa de conscientizar a população acerca dessa violação dos direitos infantojuvenis.[15]

Abuso sexual intrafamiliar e extrafamiliar

No abuso sexual infantil caracterizado como intrafamiliar, o agressor estava ligado à vítima por laços consanguíneos, legalidade ou afinidade. Exemplos de agressores incluem pais, irmãos, avós, tios etc. Por condições legais e/ou de responsabilidade em casos de adoção, tutela ou obtenção de guarda, ou por afinidade, como no caso de madrastas, padrastos, cunhados, entre outros.[16]

De modo geral, nesses casos, os agressores podem iniciar o abuso de forma sutil, com presentes, atenção redobrada, brincadeiras, utilizando da inocência e vulnerabilidade da criança para se aproximar e ganhar a confiança da vítima.[17] Além disso, usa-se da sedução e poucos contatos físicos, e gradativamente podem ser inseridos os contatos físicos como a penetração vaginal ou anal.[18]

Esses abusadores foram caracterizados como incestuosos, evidenciando uma dinâmica de poder enraizada e complexa dentro do contexto familiar, representando uma ameaça bastante significativa para o desenvolvimento da criança com riscos à saúde psicológica e física, podendo ocasionar, em casos mais graves, a morte.[1]

De acordo com o boletim epidemiológico divulgado pelo Ministério da Saúde[19], os casos envolvendo crianças de 0 a 9 anos, incluindo todas as formas de violência sexual, representaram 38,9% dos casos em que algum familiar foi o agressor.

É importante salientar que esse tipo de abuso é extremamente difícil de ser interrompido devido à proximidade entre a vítima e o agressor, ao fato da criança, muitas vezes, não ter consciência de que está sendo abusada ou ser desmentida.[20]

No que diz respeito ao abuso sexual infantil extrafamiliar, ele ocorre fora do ambiente familiar, sendo o abusador uma pessoa conhecida ou desconhecida da vítima. São exemplos de abusadores, amigos, vizinhos, professores, médicos, líderes religiosos ou pessoas desconhecidas.

Dentro dessa perspectiva extrafamiliar, também pode ocorrer a sedução e o aproveitamento da inocência da criança, pois independentemente do método, havia, nessa relação, a desigualdade de poder, com o agressor tendo vantagem em relação à vítima, que está em fase de desenvolvimento.[16] Nesse cenário, as notificações registradas mostraram que amigos ou desconhecidos foram 25,4% dos casos, e desconhecidos, 6,2% dos casos.[19]

Ademais, esse tipo de violência prejudica e causa consequências catastróficas para a vítima, podendo facilitar o desenvolvimento de algumas patologias.[21]

Trauma na psicanálise

O termo "trauma" pode abranger diversos significados, visto que cada autor possui uma convicção acerca desse fenômeno. Na medicina, por exemplo, refere-se a uma lesão física causada ao corpo, como uma queda resultando em fratura de um membro. Já na psicanálise, o trauma pode ser interpretado como uma experiência profundamente ameaçadora ou perturbadora que excedeu a capacidade dos mecanismos psíquicos de processá-la.[22]

No surgimento da psicanálise freudiana, esse teórico iniciou seus estudos com a histeria, uma manifestação sintomática que fazia parte das neuroses e que não tinha uma causa orgânica clara, mas que apresentava vários sintomas que a caracterizavam como um trauma psíquico[23]. Acreditava-se que esse fenômeno requisitava duas condições para ser concebido, uma delas de natureza sexual e a outra ocorrendo antes da puberdade. Surgiu assim a teoria da sedução, que, em outras palavras, seria o abuso sexual de crianças, perpetrado principalmente pelo pai.[24] Teoria essa que foi abandonado por volta de 1897.[23]

Posteriormente à teoria da sedução, percebeu-se que as fantasias inconscientes desempenhavam um papel crucial nas neuroses, assim como o complexo de Édipo. As fantasias inconscientes são formadas a partir de desejos reprimidos e conflitos internos, podendo ser ativadas por experiências traumáticas.[25] Segundo Hall, Lindzey e Campbell[26]:

> O complexo de Édipo consiste em uma catexia sexual no progenitor do sexo oposto e em uma catexia hostil no progenitor do mesmo sexo. O menino quer possuir a mãe e afastar o pai; a menina quer possuir o pai e afastar a mãe. Esses sentimentos se expressam nas fantasias da criança durante a masturbação e na alteração dos atos de amor e rebelião em relação aos pais. (p. 66).

Enquanto a psicanálise aprofundava seu conhecimento sobre a sexualidade infantil, chegou-se à conclusão de que o complexo de Édipo era fundamental, uma vez que, em volta dele e das fantasias inconscientes, deu-se a estruturação da vida psíquica do sujeito.[27] O complexo de Édipo, com seus conflitos e desejos, substituiu a teoria da sedução com uma interpretação mais abrangente para o desenvolvimento psíquico e as neuroses. Outra importante descoberta foi o mecanismo de defesa recalque.[28]

Os mecanismos de defesa são gerados pelo ego de forma inconsciente, para afastar da consciência os conteúdos desagradáveis, sem que o indivíduo tivesse escolha. O objetivo era defender o aparelho psíquico.[27] O ego é a instância psíquica racional da personalidade, que compôs a tríade Id, ego e superego, que atua entre o instinto e a moralidade.[29]

O mecanismo de defesa recalque não apaga da memória as lembranças, simplesmente são deixadas no inconsciente. "As memórias reprimidas não são deletadas pela mente, só estão escondidas".[30] Isto é, o trauma do abuso sexual pode ter permanecido adormecido, até que algum fator desencadeante o traga para a consciência, como aconteceu com a personagem principal do filme, em uma cena em que ela estava se preparando para uma apresentação de dança e suas colegas lhe deram uma toalha parecida com a que ganhara na infância, e que o abusador usava para higienização, fazendo surgir alguns *flashbacks*.

O conceito acerca do trauma continuou a evoluir na psicanálise, mas esses primeiros *insights* da teoria freudiana forneceram fundamentos para as futuras investigações e compreensões sobre o impacto do trauma na psique humana.

Para Ferenczi[31], outro teórico psicanalítico, existem duas linguagens distintas utilizadas por crianças e adultos, sendo a linguagem da ternura e a linguagem da paixão. A criança tem como sua linguagem a ternura, pois ainda não avançou aos estágios de desenvolvimento posteriores. Já o adulto, por ter mais conhecimento, utiliza-se da linguagem da paixão, mas consegue transitar entre elas, por já ter ultrapassado o estágio de desenvolvimento anterior e ter atingido o estágio sexual do desenvolvimento.

Sendo assim, um adulto que tivesse tendências psicopatológicas acabaria confundindo as brincadeiras infantis com as de uma pessoa que já havia desenvolvido a maturidade sexual e não conseguiria discernir que a criança, apesar de demonstrar alguns desejos na brincadeira, estava apenas vivenciando o lúdico, e que não há desejos sexuais envolvidos. Essa falta de distinção acabava levando esse adulto a cometer o ato sexual (abuso), sem pensar nas consequências.[31]

Portanto, o trauma é um acontecimento significativo na vida do indivíduo que pode causar prejuízos psicológicos (emocionais, cognitivos e comportamentais), nos relacionamentos interpessoais, na vida afetiva e sexual. É um evento que se destaca pela intensidade e incapacidade do sujeito de reagir de forma adequada. Além disso, é caracterizado por um excesso de excitações que ultrapassa a capacidade de tolerância do sujeito e sua habilidade de processar essas

excitações de forma psíquica.[32]

Sendo assim, a atuação do psicólogo se tornou relevante, uma vez que proporcionou acolhimento e escuta livre de julgamentos, auxiliando no processo de investigação dos conteúdos inconscientes, por meio da associação livre, atenção flutuante, interpretação e transferência.[33] Em decorrência da utilização das técnicas psicanalíticas, o psicólogo contribuiu para o processo de elaboração e ressignificação do trauma.

Notou-se que a analista da personagem principal teve um papel importante na elaboração e ressignificação do trauma, pois acompanhou Odette em suas recordações sobre o abuso sexual e estupro sofridos na infância, e a ajudou a nomear o tipo de violência e a fazer as pazes com o seu eu infantil por meio da simbolização do pedido de desculpas pelo abandono. "Uma pessoa que sofreu abuso na infância provavelmente carregará dentro de si uma parte infantil que se acha congelada no tempo." (p. 330).[12]

Consequências do abuso sexual infantil na vida adulta

Como consequência imediata, observou-se o silêncio da personagem Odette. Em uma cena, ao tentar contar à mãe sobre o abuso sexual enquanto lavava sua roupa interior coberta de sangue, a mãe não lhe dá espaço para falar, acreditando entusiasmada que se tratava de uma menstruação precoce e que a filha estava se transformando em uma mocinha. Ferenczi[31] relata que há uma possível identificação da criança com o abusador, e que ela não tem o poder de contestar o adulto, pois se encontra confusa e vulnerável por conta da violência sofrida. A partir dessa identificação, a vítima também se sente culpada pelo ocorrido, e a raiva que sentia por seu agressor volta para ela, resultando em submissão.[23] Segundo Kolk[12]:

> Crianças percebem – mesmo que não sejam ameaçadas de maneira explícita – que, se contarem aos professores que sofrem espancamentos ou abusos sexuais, serão castigadas. Assim, focam suas energias em não pensar sobre o que aconteceu e em não sentir os resíduos de terror e pânico no corpo. Como não conseguem suportar a consciência do que lhes aconteceu, também não têm como compreender que a raiva ou o terror que sentem têm a ver com o ocorrido. Elas se calam; agem e lidam com suas sensações por meio da raiva, do bloqueio ou do desafio. (p. 161).

Além disso, ela acabou agindo de forma mecânica às solicitações do adulto, uma vez que se encontrava em conflito quanto ao seu eu real e ideal, em razão de sua personalidade ainda estar em desenvolvimento. Como defesa, o seu ego introjetou o agressor a seu psiquismo, tornando o contato com a realidade de difícil acesso e gerando, assim, um silêncio por parte da criança abusada.

Este silêncio se deu pelo fato dela ter atribuído ao seu eu (ego) os elementos externos (abusos), o que a levou à fantasia de que os abusos deixavam de existir na sua forma real e passaram a ser vistos como uma fantasia. Ademais, Winnicott[34] discorre sobre a importância do ambiente no desenvolvimento do *self* da criança, onde é evidenciada a relevância de um ambiente que promova acolhimento, proteção e segurança para que haja um desenvolvimento saudável de sua personalidade.

No filme, foi notório que Odette não teve o apoio necessário do ambiente familiar, especialmente da mãe, para se proteger das ameaças. A mãe não percebeu que algo estava errado com a criança, deixando-a vulnerável. Ela não ofereceu o espaço necessário nem o acolhimento adequado para que Odette pudesse expressar o abuso que estava sofrendo por parte de Gilbert.

> Crianças são também programadas para ser fundamentalmente leais a seus cuidadores, mesmo que sofram abusos em suas mãos. O terror aumenta a necessidade de apego, muito embora a fonte de conforto seja também a fonte de terror. (p. 161).[12]

A partir da observação dos fenômenos traumáticos do abuso sexual sofrido na infância pela personagem Odette, foi possível identificar que, por mais que os recursos egóicos tenham tentado deslocar o abuso sofrido para uma esfera intrapsíquica, como forma de proteção, há manifestações inconscientes a partir de comportamentos destrutivos apresentados pela personagem, sendo que sua inocência foi roubada. Esse sofrimento internalizado desde a infância afeta o desenvolvimento emocional do sujeito, o qual se agrava com o decorrer do tempo.[20]

Esse tipo de trauma pode desenvolver patologias como depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático, conhecido como TEPT, que "está ligado a experiências incomuns da existência humana que causam um impacto emocionalmente severo no indivíduo, deixando consequências que afetam a saúde física e mental" (p.141).[6,21] Segundo Dalgalarrondo[35], é uma condição psicológica que surge após o acontecimento de um evento traumático, como abuso, estupro, sequestro, entre outros. Uma das características são as recordações que surgem na consciência da pessoa de forma involuntária, como os *flashbacks*.

O trauma afeta indivíduos nos níveis físico, emocional e psicológico, sendo seu impacto permanente e amplo.[6] Ele é capaz de destruir os sonhos e a tomada de decisões, muitas vezes sem a consciência do sujeito. A personagem principal desejava ser uma bailarina de renome, mas sua trajetória adulta foi marcada por dificuldades financeiras, e seu objetivo foi ficando cada vez mais distante.[36]

Essas consequências dificultaram que o sujeito tivesse uma vida adulta saudável. Contudo, foram observadas outras possíveis consequências, como os comportamentos destrutivos de Odette na vida adulta, o uso excessivo de álcool e outras drogas, hipersexualização e a dificuldade de manter relacionamentos duradouros, que poderiam estar relacionados ou não à experiência do abuso sexual na infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi examinar o que é o abuso sexual infantil e compreender suas particularidades a partir da diferenciação entre as formas de abuso, que podem ser extrafamiliares ou intrafamiliares. A abordagem psicanalítica foi utilizada para compreender os efeitos prejudiciais que o abuso sexual infantil pode ter causado na vida adulta daqueles que sofreram essa violência.

O abuso sexual infantil é um fenômeno complexo que pode causar um grande prejuízo emocional para a vítima e seus familiares, uma vez que é uma violência grave, na qual o mais forte impôs suas vontades sobre o vulnerável. Nesse sentido, independentemente de ter sido caracterizado como intrafamiliar ou extrafamiliar, o impacto sobre a vítima é profundo.

O adulto, que deveria proteger a inocência da criança, acabou se tornando o agressor. A criança, por sua vez, cedeu aos desejos motivados pelo medo e pela falta de maturidade necessária para compreender o que estava acontecendo, por estar em fase de desenvolvimento. Dessa forma, Ferenczi[31], explica a confusão das línguas para fundamentar esse tipo de violência e o trauma que causa. A criança, com sua pureza, usa a ternura, e o adulto patológico confundi o brincar com o desejo, por se utilizar da linguagem da paixão.

No caso de Odette, a protagonista do filme, que foi vítima do abuso sexual infantil extrafamiliar, em que o abusador próximo da família se aproveitou da inocência da criança para satisfazer seus desejos. Assim, ela no desamparo principalmente da família silenciou suas emoções, introjetando e recalcando sentimentos, que posteriormente, em sua vida adulta retornaram como sintomas de comportamentos destrutivos, como o uso de álcool e outras drogas e a hipersexualização.

Dessa forma, foi possível notar que o trauma sofrido na infância, muitas vezes, não foi percebido pelo indivíduo, pois estava oculto em seu inconsciente, mas se manifestou por meio de sintomas que podem ter causado insucessos na vida pessoal, profissional e nos relacionamentos interpessoais, prejudicando todas as esferas da vida do sujeito.

Além disso, percebeu-se a relevância da atuação de um profissional da psicologia, que foi importante no processo de elaboração e compreensão do abuso sofrido na infância, uma vez que, mesmo sendo adulta, Odette não conseguia nomear a violência que havia sofrido.

REFERÊNCIAS

1. Simões CS, Azevedo FRP. O abuso sexual infantil no contex-

to intrafamiliar: uma análise interdisciplinar do direito e da psicologia. Rev Ibero-Americana Humanidades, Ciências Educ. 2024;10(5):4745-53. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13584. Acesso em: 28 set. 2024.
2. Hailles HP, Yu R, Danse A, Fazel S. Long-term outcomes of childhood sexual abuse: an umbrella review. Lancet Psychiatry. 2019;6(10):830-9. Disponível em: https://doi.org/10.1016/S2215-0366(19)30286-X. Acesso em: 01 out. 2024.
3. Brasil. Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial; 2002.
4. Brasil. Disque Direitos Humanos: relatório 2019. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos; 2019. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/disque-100/relatorio-2019_disque-100.pdf. Acesso em: 20 jul. 2024.
5. Toporosi S. Em carne viva: abuso sexual de crianças e adolescentes. São Paulo: Blucher; 2022. 204 p.
6. Florentino BRB. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. Fractal Rev Psicol. 2015;27(2):139-44. Acesso em: 29 ago. 2024.
7. Oliveira AJ, Silva CG, Ferro LRM, Rezende MM. Abuso sexual infantil e consequências na vida adulta: uma revisão sistemática. Res Soc Dev. 2020;9(11):e93391110484. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10484. Acesso em: 16 jul. 2024.
8. Henriques A, Medeiros JB. Metodologia científica na pesquisa jurídica. 9. ed. São Paulo: Atlas; 2017.
9. Medeiros JB. Redação Científica: práticas de fichamento, resumo, resenhas. 13. ed. São Paulo: Atlas; 2019. 368 p.
10. Faça Bonito. Cartilha sobre Violência Sexual contra Criança e Adolescente. São Paulo: [*s. n.*]; 2021. Disponível em: https://b9b3c60b-13d9-4274-b440525674604afb.filesusr.com/ugd/f80a31_154f7ca0f7c74f85ae207d2e523ac37d.pdf. Acesso em: 28 ago. 2024.
11. Childhood. Tipos de abuso sexual de crianças e adolescentes. 2019. Disponível em: https://www.childhood.org.br/tipos-de-abuso-sexual-de-criancas-e-adolescentes/. Acesso em: 21 out. 2024.
12. Kolk B van der. O corpo guarda as marcas: cérebro, mente e corpo na cura do trauma. Rio de Janeiro: Sextante; 2020. 480 p.
13. Brasil. Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. Art. 213. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10612010/artigo-213-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940. Acesso em: 11 jul. 2024.
14. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos. Brasília: Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos; 2024.
15. UNICEF. Combate ao abuso e à exploração sexual infantil. 2023. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/blog/combate-ao-abuso-e-a-exploracao-sexual-infantil. Acesso em: 21 out. 2024.
16. Brasil. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Cartilha Maio Laranja: campanha de conscientização sobre o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes. Brasília; 2021.
17. Passarinho MCBT. O fenómeno do abuso sexual de crianças: o abusador intra-familiar e o extra-familiar. Dissertação de Mestrado apresentada ao ISPA - Instituto Universitário; 2015. Disponível em: http://hdl.handle.net/10400.12/4547. Acesso em: 28 set. 2024.
18. Araujo G, Ramos M, Zaleski T, Rozin L, Sanches LC. Determinantes da violência sexual infantil no estado do Paraná - Brasil. Espaço para a Saúde. 2021;20(2):42-54. DOI: 10.22421/15177130-2019v20n2p42. Acesso em: 15 out. 2024.
19. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico: Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 a 2021. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2024.
20. Cruz MA, *et al*. Repercussões do abuso sexual vivenciado na infância e adolescência: revisão integrativa. Ciênc Saúde Coletiva. 2021;26(4):1369-80. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.02862019. Acesso em: 15 out. 2024.
21. Portolani TP, Sciarra AMP. A violência infantil com destaque ao abuso sexual sob intervenções psicanalíticas. Rev Educ Psicol Interfaces. 2020;4(1):114-26. Acesso em: 30 set. 2024.
22. Medeiros C, Fortes I. Trauma e lesão: algumas articulações em psicanálise. Tempo Psicanalítico. 2020;52(1):133-54. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 jul. 2024.
23. Alves AG, Junior AAP, Zampieri TCR Credidio, Cury Tardivo LSL. Abuso sexual e trauma: um estudo de caso à luz da psicanálise. Bol Acad Paul Psicol. 2020;42(102):1-10. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v42n102/a02v42n102.pdf. Acesso em: 09 out. 2024.
24. Martins RD, Vorsatz I. Os primórdios da psicanálise e a construção da noção de fantasia. Cad Psicanálise. 2018;40(39):13-28. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952018000200013. Acesso em: 15 out. 2024.
25. Reis MP, Silva MM. Realidade e fantasia para a Psicanálise freudiana. Analytica. 2020;9(16):1-19. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972020000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 jul. 2024.
26. Hall CS, Lindzey G, Campbell JB. Teorias da Personalidade. 4. ed. Porto Alegre: Artmed; 2000.
27. Bock AMB, Furtado O, Teixeira MLT. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 15. ed. São Paulo: Saraiva Uni; 2018.
28. Azevedo GMG, Amaral HU. Teoria da sedução: ascensão e queda ou O surgimento do Édipo. Rev Bras Psicanal. 2021;55(2):149-64. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2021000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 jul. 2024.
29. Oliveira SM. O traumático na psicanálise e psiquiatria: implicações ético-políticas. Physis Rev Saúde Coletiva. 2015;25(1):19-39. Disponível em: https://www.scielo.br/j/physis/a/yMVZg3SLNbqTLDdCrZP4gmn/. Acesso em: 20 jul. 2024.
30. Carvalho A. Freud sem traumas: para você entender, de uma vez, as teorias que desvendaram a mente humana e mudaram o mundo - e as nossas vidas. São Paulo: Leya; 2021.
31. Ferenczi S. Obras Completas Psicanálise, Volume IV. São Paulo: Martins Fontes; 1992.
32. Pontalis JB, Laplanche J. Vocabulário da Psicanálise. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes; 2014.
33. Freud S. Reflexões sobre a pré-história da técnica psicanalítica. Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1920/1996.
34. Winnicott DW. Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes; 2006. (Original publicado em 1987).
35. Dalgalarrondo P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 3. ed. Porto Alegre: Artmed; 2019.
36. Conti P. Trauma: a epidemia invisível: como lidar com as suas feridas emocionais e avançar em direção à cura. [*S. l.*]: Sextante; 2022.